



ISSN- 2526-3552

O USO DA CHARGE NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM DE SOCIOLOGIA: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E DISCUSSÕES EM IDENTIDADE

MARIA LUIZA SILVA ESPIRITO SANTO¹

MARCELLA BARBOSA MATOS²

GIVALDO GOMES SANTOS³

MARIA BERNADETE LEAL CAMPOS⁴

RESUMO: Este artigo tem como objetivo explorar o uso de charges, cartuns e tiras como recurso didático na discussão de identidade, na disciplina de Sociologia no ensino médio, a partir de um relato de experiência realizada na Escola de Referência em Ensino Médio (EREM) Santa Paula Frassinetti, localizada no bairro do Espinheiro, cidade de Recife-PE. Os autores do presente texto mantêm estreita relação com a escola, pois são bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), tendo como palco de atuação a supracitada instituição. Durante dois meses os graduandos se utilizaram das charges nas atividades com os secundaristas, ao que se percebeu uma inovação pedagógica num tema tão caro à realidade das escolas de ensino médio, muito em função de se dar nesse período da vida a construção e consolidação das identidades; além do mais, o tema é transversal a outros da Sociologia, o que permitiu um diálogo com várias esferas da realidade social a partir da charge e da identidade social como fio condutor das discussões.

PALAVRAS-CHAVE: Charge. Sociologia. Ensino. Identidade.

INTRODUÇÃO

A disciplina de Sociologia, historicamente recente no currículo nacional do ensino médio, enfrenta problemas de naturezas diversas em sua composição. Há dificuldades de caráter pedagógico, de ordem institucional e ainda desafios quanto à transposição didática. O

¹ Estudante de graduação em Licenciatura em Ciências Sociais na Universidade de Pernambuco-UPE e bolsista PIBID. Técnica em Rádio e Televisão pela Faculdade Maurício de Nassau. Email: marialuiza.loacontato@gmail.com

² Graduanda de Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade de Pernambuco - UPE. Atualmente atua como bolsista da CAPES, PIBID. Email: amarcellamatos@gmail.com

³ Graduando de Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade de Pernambuco - UPE. Atualmente atua como bolsista da CAPES através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID Email: givaldo2202@gmail.com

⁴ Graduação e mestrado em Sociologia, professora da Universidade de Pernambuco. Área de pesquisa sobre o indivíduo e suas Relações na sociedade. Pesquisas recentes sobre a política de cotas na UPE. Email: bernacampos@yahoo.com.br

uso de ferramentas que possibilitem melhorias nessas problemáticas é algo a ser encorajado e discutido no meio acadêmico dos profissionais de educação.

Sabemos, mas sempre é bom lembrar, que os limites da ciência Sociologia não coincidem com os da disciplina Sociologia, por isso falamos em tradução e recortes. Deve haver uma adequação em termos de linguagem, objetos, temas e reconstrução da história das Ciências Sociais para a fase de aprendizagem dos jovens - como de resto se sabe que qualquer discurso deve levar em consideração o público-alvo. (OCN, 2006, p.107)

Alguns dos principais problemas da disciplina de Sociologia são, como citados por Francisca Almeida (2012), a dificuldade de adaptação da linguagem dos conteúdos das ciências sociais à realidade dos alunos, o pouco tempo dedicado à disciplina, pois a carga horária da Sociologia só admite uma aula por semana em cada turma na escola mencionada, regida pelas orientações estaduais de ensino básico em consonância com os PCNs; a desvalorização da disciplina por parte dos alunos, e a sobrecarga do professor, que possui um número excessivo de turmas e geralmente não consegue concentrar toda sua carga horária em uma única escola.

Nas OCNs, são visíveis orientações quanto a possíveis práticas de ensino e recursos didáticos a serem utilizados para suprir algumas lacunas encontradas no processo de transposição didática. Uma delas, que terá foco nesse artigo, é a possibilidade do uso de charges, cartuns e tiras como ferramenta para introduzir determinada questão, seja conceitual ou temática.

Um dos conteúdos programáticos previstos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais da disciplina de Sociologia é o estudo das sociedades complexas e das identidades sociais, discussão que é bastante atual e importante para a desnaturalização de desigualdades sociais e estigmas etnocêntricos e a relativização dos valores morais, estéticos e científicos, que constituem a nossa diversidade cultural.

Na experiência trabalhada neste artigo foi discutido o tema das identidades sociais em sala de aula, na Escola de Referência em Ensino Médio (EREM) Santa Paula Frassinetti, na cidade de Recife, utilizando-se de uma oficina de charges como prática pedagógica, no intuito de fomentar a reflexão sobre as relações entre o indivíduo e a sociedade.

A ESCOLA

A EREM Santa Paula Frassinetti, local do relato de experiência deste artigo, fica localizada em Recife, Pernambuco, no bairro do Espinheiro. A escola funciona de segunda à sexta em horário integral (manhã e tarde).

A escola é dotada de nove salas de aula, três laboratórios, sendo um de informática, um de física e matemática e outro de biologia e química. Também possui biblioteca e refeitório, além de quadra poliesportiva. Em seu corpo discente possui 387 estudantes, e conta com 15 professores, sendo 12 efetivos e 3 contratados.

A relação com o PIBID se deu em 2014, pouco depois do ingresso da primeira turma de Ciências Sociais da Universidade de Pernambuco, com a abertura de 10 bolsas de iniciação à docência. Desde então, como resultado de uma parceria interessante a ambas as partes, os bolsistas da UPE lá permanecem. Nestes três anos foram feitas pesquisas sobre a realidade da escola, contato com as turmas e atividades das mais diversas naturezas, entre elas a aqui apresentada. As demandas educacionais da escola sempre nortearam as atividades dos bolsistas, que em conjunto com a mesma buscavam consolidar o espaço político da Sociologia enquanto disciplina fundamental à formação cidadã. Assim, sabendo das carências da instituição, os graduandos pautaram seu trabalho em tornar a disciplina mais agradável, humana e próxima da realidade dos estudantes. O relato aqui apresentado sobre identidade, a título de exemplo, demonstra o cuidado da escola e dos bolsistas em constituir a Sociologia como ela deve se apresentar no ensino médio brasileiro.

O CONCEITO DE IDENTIDADE E AS CIÊNCIAS SOCIAIS

A identidade, como categoria de estudo, transita entre duas áreas distintas do conhecimento, a saber, as ciências sociais em geral e a psicologia. A passagem da identidade enquanto identificação cultural para construção individual opera um deslocamento nas fronteiras do que é objeto destas ciências, ou seja, quando o debate em torno do indivíduo se torna um objeto de estudo predominante, como acontece nos estudos de diversos cientistas sociais contemporâneos, tornam-se bastante sutis as fronteiras entre essas tradições científicas. Sendo assim, os estudos acerca desta categoria, se forem analisados em uma perspectiva histórica, são caracterizados por diversas aproximações e delimitações feitas entre essas duas áreas do saber. Contudo, atualmente, é considerada necessária a apropriação destas duas diferentes abordagens para uma melhor e mais completa compreensão da concepção de identidade e de como esta fora construída.

Existe uma tendência nos textos acadêmicos dedicados a apresentar um histórico dos estudos sobre identidade, de expor o que seria uma pré-história desta categoria nas ciências sociais. E esta pré-história é geralmente reconhecida no texto do antropólogo francês Marcel Mauss, *Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, aquela de “eu”* (1950).

Nesta obra, Mauss irá propor um estudo que, segundo ele, se trataria de uma história social, acerca das noções do “eu” criadas em diferentes lugares e épocas, ou, em outras palavras, acerca dos conceitos que os homens, ao longo dos séculos, criaram sobre si mesmos.

O que quero mostrar é a série das formas que esse conceito assumiu na vida dos homens, das sociedades, com base em seus direitos, suas religiões, seus costumes, suas estruturas sociais e suas mentalidades. (MAUSS, 1950, p. 371)

É importante assinalar que este autor desenvolve seu estudo a partir de uma lógica evolucionista, pois de acordo com sua concepção, a noção de “eu” presente nas civilizações ocidentais era mais clara e nítida, de forma que seu ensaio busca mostrar como as concepções dos homens acerca deles mesmos vão lentamente partindo de um estágio primitivo e indistinto para se constituir como uma categoria delimitada moral e juridicamente. Como afirma Goldman (1996), a referida obra de Mauss

Trata-se de mostrar como, a partir de um fundo primitivo de indistinção, a noção de pessoa que conhecemos e à qual atribuímos erroneamente existência universal se destaca lentamente de seu enraizamento social para se constituir em categoria jurídica, moral e mesmo lógica. (GOLDMAN, 1996, p. 86)

Avançando no tempo, ao nos depararmos com os cientistas sociais mais contemporâneos percebemos, no entanto, um paradigma diferenciado. Voltando à centralidade dos estudos sociais, a identidade agora é assumida como objeto de estudo em um contexto mais complexo e fragmentado. Isto se deve ao fato de que as noções de identidade mais recentemente assumem múltiplas formas, e cada indivíduo comporta várias delas. As discussões do tempo de Mauss ainda eram pautadas por noções simplistas do indivíduo, e não-raro os mesmos eram identificados por seu gênero, profissão e classe, não indo muito além disso. Na modernidade esses debates se ampliam e começam a comportar ideias, estilos de vida, gostos, hobbies e outras variantes. Assim diz HALL (1987, p. 7):

A questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada ‘crise de identidade’ é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.

Para Hall, havia uma mudança estrutural inédita acontecendo nas sociedades modernas ao final do século XX, mudança esta que viria a fragmentar paisagens culturais que anteriormente haviam fornecido localizações sólidas para os indivíduos sociais. Esta mudança

traria, na sua concepção, uma descentralização do sujeito, semelhante a uma perda de estabilidade. A sua identidade não seria mais estática, nem necessariamente coerente, mas sim dinâmica, móvel, passível de transformações contínuas, estando estas transformações relacionadas às “formas pelas quais somos representados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 1987). O que está em questão, portanto, é a morte de uma ideia de sujeito dotado de uma identidade unificada e permanente para o sujeito pós-moderno, que não possui uma identidade essencial, unificada e fixa, mas, antes se tornam fragmentados, compostos por várias facetas indenitárias, estas últimas apresentando-se dinâmicas e negociáveis.

Em Laclau (1995), um dos teóricos com os quais Hall dialoga em sua obra, também é possível enxergar ideia semelhante. Este autor, ao escrever sobre identidade no contexto do particularismo-universalismo, afirma que a própria proliferação das novas e múltiplas identidades no mundo contemporâneo (explosão de movimentos ligados às identidades étnicas e nacionais na Europa Ocidental e nos territórios da antiga URSS, por exemplo) faz com que o interesse dos estudiosos se distanciasse das tentativas de elaboração de uma ideia de sujeito universal e unificado, e passem a se centrar na multiplicidade em si.

Segundo Giddens, em sua obra *Modernidade e Identidade* (2002), a grande diferença entre as sociedades tradicionais e as modernas é que, enquanto nas primeiras os símbolos do passado e das gerações anteriores são valorizados e venerados, nessas últimas, esses signos e tradições são constantemente examinados e reformados à luz das novas informações. Já Bauman (2014) irá ressaltar que somos nós os agentes construtores e reconstrutores de nossas próprias identidades, as quais, na sua visão, não são sólidas, mas sim passíveis de negociação e renegociação. São os indivíduos, segundo ele, que escolhem seus caminhos, formas de agir, decidem se abrem mão ou se devem manter-se firmes quanto às questões que concernem aos seus sentimentos de pertencimento e às suas noções de si mesmo. Embora este autor também afirme que existam identidades que são da escolha de cada um e outras que lhes são infladas e lançadas pelas pessoas à sua volta, reforça que é preciso estar alerta para defender as primeiras em relação às últimas.

Assim, ao compreendermos o sujeito como produto social capaz de comportar diversas identidades em si, faz-se necessário olhar para o panorama da escola, sobretudo o Ensino Médio, para empreendermos a correlação entre os jovens que o compõem e as múltiplas facetas dos mesmos, além de apresentarmos instrumentos válidos de explicação e construção deste conhecimento com o alunado, a fim de que possam não somente entender, mas também reiterar ou ajustar suas posições indenitárias no mundo prático.

IDENTIDADES SOCIAIS E ENSINO MÉDIO

No contexto do Ensino Médio, a Sociologia não se furta de apresentar o conceito de Identidade Social, muito em função de ser, prioritariamente, a disciplina a quem compete o exercício do estranhamento, tão caro às Ciências Sociais e que preconiza do aluno o olhar crítico e não natural sobre os fenômenos sociais, inclusive aqueles que lhe são familiares. Pode-se inferir que

(...) está em causa observar que os fenômenos sociais que rodeiam a todos e dos quais se participa não são de imediato conhecidos, pois aparecem como ordinários, triviais, corriqueiros, normais, sem necessidade de explicação, aos quais se está acostumado, e que na verdade nem são vistos. Assim como a chuva é um fenômeno que tem uma explicação científica, ou uma doença também tem explicações mesmo que não se tenha chegado a terapias totalmente exitosas para sua cura; ou do mesmo modo que as guerras, as mudanças de governo podem ser estudadas pela História ou os cataclismos naturais, pela Geografia; os fenômenos sociais merecem ser compreendidos ou explicados pela Sociologia. Mas só é possível tomar certos fenômenos como objeto da Sociologia na medida em que sejam submetidos a um processo de estranhamento, que sejam colocados em questão, problematizados. (OCN, 2006, p.106-107)

Neste sentido o ensino das diferentes manifestações sociais, seja sob a ótica do indivíduo, seja pela do coletivo, perpassa naturalmente pelo ensino de Ciências Sociais, e se desmembra em temáticas como a da identidade. O exercício da desnaturalização, portanto, viabiliza o olhar sobre determinados grupos indenitários cuja essência é típica de nossa sociedade para além de estigmas e preconceções.

No contexto do Ensino Médio este exercício não pode ser desprezado por uma série de fatores: 1) fala-se de um ambiente essencialmente composto por jovens em maturação, que passam invariavelmente por dilemas sobre suas concepções, visões de mundo, noções de si mesmo e do outros. “A construção da identidade pessoal é considerada a tarefa mais importante da adolescência, o passo crucial da transformação do adolescente em adulto produtivo e maduro” (SCHOEN-FERREIRA et al, 2003, p.107) e não pode se desfazer da identidade coletiva, aquela que encaixa os jovens em padrões comuns na sociedade e os dá um norte de atuação; e 2) porque a abertura do diálogo permite ao estudante não só compreender que existem realidades diversas da dele, como também indagar sobre a sua própria de maneira reflexiva. A discussão sobre identidade social tendo como pano de fundo o Ensino Médio é instrumento severo de reflexão, compreensão e mudança social, posições indispensáveis ao

estudante de Sociologia. Deste modo o Ensino Médio congrega realidades diversas demais para não serem problematizadas, postas em xeque por intermédio do estranhamento; ambas as esferas – realidade escolar e o estudo das identidades coletivas – caminham juntas na construção de indivíduos autônomos e cientes de seu papel no mundo.

OFICINA DE CHARGES E A DISCUSSÃO DE IDENTIDADE

Com base no contexto da discussão das identidades sociais, foi desenvolvida pelos alunos do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID, de auxílio CAPES, do curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade de Pernambuco, uma oficina de charges. A escolha dessa metodologia se deu com base nas Orientações Curriculares Nacionais, que traz entre as práticas de ensino a utilização de charges, cartuns e tiras.

Ao projetar em sala de aula uma charge ou tira de humor, é bem possível que os alunos se sintam instigados a saber o porquê de o professor fazer aquilo. A partir dessa situação, já se cria um ambiente para colocar em pauta o que se pretendia discutir naquela aula. Aí começa a motivação, e a imagem projetada serve de estímulo. Inicia-se, então, uma segunda parte, que é analisar a imagem, seus elementos, por que provoca o riso, de que modo esse discurso se aproxima e se distancia do discurso sociológico, como a “deformação” sugerida pela imagem acerca da realidade representa uma realidade em si mesma “deformada” (OCN, 2006, p. 131)

Primeiramente, os alunos foram introduzidos ao tema. Foi-lhes explicado que cada um de nós tem várias facetas constitutivas de nossas identidades, cada qual nos classificando em diversos grupos ou mentalidades grupais. Foi utilizada a concepção de Freud, quando afirma que “Cada indivíduo, portanto, partilha de numerosas mentes grupais - as da sua raça, classe, credo, nacionalidade, etc.” (FREUD, 1976, p.163)

Após este momento de explanação teórica, os alunos foram apresentados ao conceito de charge, sendo trazida como um estilo de ilustração que tem por finalidade satirizar, por meio de uma caricatura, algum acontecimento atual com uma ou mais personagens envolvidas. Foi explicado que, aliando linguagem verbal e não verbal, as charges são mais do que piadas gráficas permeadas pelo humor e por uma fina ironia, mas tipos de textos que podem ser usados para denunciar e criticar as mais diversas situações do cotidiano relacionadas com a política e a sociedade. Foram apresentados alguns exemplos de charges que retratam o tema de identidade social e então, chegou o momento de produção por parte dos alunos.

Divididos em grupos, sendo orientados pelos professores da oficina, os alunos produziram várias charges, em grande parte relacionada à realidade social em que vivem.

Fizeram críticas às visões preconceituosas que existem devido a estereótipos fincados em nossa sociedade. Como resultados obteve-se a participação e contato dos alunos junto ao tema, tendo contribuído para um maior entendimento destes a respeito dos conceitos de identidade e das propostas da disciplina de Sociologia. Analisando este relato de experiência, podemos considerar que a oficina foi bastante produtiva tanto em termos de tradução de conceitos quanto da própria teoria sociológica.

CONCLUSÃO

Discutir identidade no ensino médio constitui-se como algo necessário no contexto das realidades diversas que constituem o universo jovem e a sociedade em geral. O exercício da reflexão acerca de como se constitui a sociedade em que vivem é fundamental para a formação de qualquer estudante. Além disso, este conteúdo permeia diversas outras discussões que fazem parte do currículo da disciplina Sociologia, como interação social, desigualdade e até mesmo as relações de trabalho.

A oficina de charges realizada e a análise bibliográfica dos conteúdos acerca do uso desta ferramenta como prática pedagógica ratifica a proposta trazida pelas Orientações Curriculares Nacionais. É uma maneira de sair do modo tradicional de aula expositiva e ainda incentivar a prática criativa dos alunos. Quanto a avaliação do uso da ferramenta em conjunto com a disciplina de Sociologia, foi possível perceber que complementa o processo de ensino-aprendizagem. Atividades como esta devem ser então consideradas como prática pedagógica e recurso didático aplicável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade - entrevista à Benedetto Vecchi**. Jorge Zahar. Rio de Janeiro. 2014. Disponível em: <<https://identidadesculturas.files.wordpress.com/2011/05/bauman-zygmunt-identidade.pdf>> acesso em: 07/05/2017

FREUD, S. **Psicologia de grupo e análise do ego**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 8. (1920-1922) Rio de Janeiro: Imago, 1976

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Porto Alegre: Artmed, 2005, 4ª ed,

GOLDMAN, Márcio. **Uma categoria do pensamento antropológico: a noção de pessoa**. Revista de Antropologia da USP, v. 39, n.1, 1996. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111620>> Acesso em: 23/09/2017

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. 10ª ed. São Paulo: Dp&a editora., 2005. Disponível em: <<https://comunicacaoesporte.files.wordpress.com/2010/10/hall-stuart-a-identidade-cultural-na-pos-modernidade.pdf>> Acesso em: 07/05/2017

LACLAU, Ernesto. **Emancipação e diferença**. Uerj. Rio de janeiro. 2011

LOPES, J. R. Os caminhos da identidade nas ciências sociais e suas metamorfoses na psicologia social. *Psicologia & sociedade*; 14 (1): 7-27; jan./jun.2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v14n1/v14n1a02.pdf>> Acesso em: 05/05/2017

MACHADO, Igor José de Renó... [et al.] **Sociologia Hoje**. Volume único: ensino médio. 1ª edição. São Paulo: Ática, 2013.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosacnaify. 2003.

SCHOEN-FERREIRA, T. H., AZNAR-FARIAS, M., SILVARES, E. F. M. **A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório**. *Estudos de Psicologia*, v. 8, n. 1, Natal, jan./abr., 2003.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. **Orientações curriculares para o ensino médio: Ciências Humanas e suas tecnologias**. Volume 3. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

TOMAZI, Nelson Dacio. **Sociologia para o ensino médio**. Volume único. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

THE USE OF THE CHARGE IN THE SOCIOLOGY TEACHING-LEARNING PROCESS: PEDAGOGICAL PRACTICES AND DISCUSSION IN IDENTITY

ABSTRACT: This article aims to explore the use of collections, cartoons and strips as a didactic resource in the discussion of identity, in the Sociology subject in high school, based on an experience report carried out at the School of Reference in Secondary Education Santa Paula Frassinetti, located in the neighborhood of Espinheiro, Recife-PE. The authors of the present text keep close relationship with the school, since they are scholarship holders of the Institutional Program of Initiation to Teaching Scholarships (PIBID), having as stage of action the abovementioned. For two months, the users of secondary education, at the same time, perceived a pedagogical innovation in a subject so dear to the reality of the secondary schools, in function of giving in this period of the life to the construction and consolidation of the identities. Moreover, the theme is transversal to others in Sociology, which allowed a dialogue and various forms of social communication, starting from the load and the social identity as the guiding thread of the discussions.

KEYWORDS: Cartoon. Sociology. Education. Identity.

RECEBIDO EM: 18.05.2017

ACEITO EM: 25.09.2017